

DA DIVERSIDADE DA LOUCURA À IDENTIDADE DA CULTURA: O PROJETO “LOUCOS PELA DIVERSIDADE” E AS POLÍTICAS CULTURAIS NA INTERFACE COM A SAÚDE MENTAL

Patricia Dorneles¹

Paulo Amarante²

Eduardo Torre³

RESUMO

A partir de 2007, o antigo Ministério da Cultura – MinC iniciou um conjunto de iniciativas intersetoriais de Cultura e Saúde. A ação “Loucos pela Diversidade” até hoje é reconhecida como uma contribuição do MinC na articulação, fomento e difusão do patrimônio e da diversidade artística cultural produzida pelas pessoas em sofrimento psíquico ou vulnerabilidade psicossocial, bem como seu compromisso com a reforma psiquiátrica brasileira.

*

Introdução

No ano de 2006, por solicitação de Juca Ferreira⁴, na época secretário executivo do antigo MinC, a então Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural (SID) dá início ao Projeto “Loucos pela Diversidade”, primeira ação de cultura e saúde do MinC⁵. A criação de uma secretaria como a SID teve um caráter estratégico na nova postura do MinC no período.

1 Coordenadora do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, Deptº de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina/UFRJ. Email: patricia.dornelesufrj@gmail.com

2 Presidente de Honra da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME). Email: pauloamarante@gmail.com

3 Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS/ENSP/FIOCRUZ). Email: eduardo.torre33@gmail.com

4 Juca Ferreira é simpatizante da luta antimanicomial. Enquanto vereador da cidade de Salvador pelo Partido Verde, instituiu o Dia nacional da luta antimanicomial – 18 de maio, como também dia municipal da reforma psiquiátrica daquela cidade.

5 O projeto “Loucos pela Diversidade” foi a primeira iniciativa das ações em cultura e saúde do antigo MinC. A SID posteriormente realizou nesta ação o projeto Vidas Paralelas em Parceria com a Universidade de Brasília – UNB. A antiga Secretaria de Cidadania Cultural – SCC iniciou o desenvolvimento de sua ação cultura e saúde a partir de 2009 com iniciativas de editais de premiação em parceria com a política de atenção básica do Ministério da Saúde na época, bem como em 2008 o Edital de Rede dos Pontos de Cultura e Saúde da área de abrangência do Grupo Hospitalar Conceição – GHC na cidade de Porto Alegre, e posteriormente a partir de 2010 em parceria com a Fiocruz o projeto de implementação da Rede Cultura e Saúde.

A SID tinha entre os seus objetivos formular e implementar políticas públicas ativas na cultura, no sentido da promoção da cultura tanto do ponto de vista de seus aspectos econômicos, de inclusão social e cidadania, bem como da importância da cultura como produção simbólica. A afirmação positiva da diversidade e pluralidade cultural brasileira, naquele período, buscava estimular e promover ações transversais de promoção da diversidade cultural brasileira e do intercâmbio cultural no território nacional. Além de apoiar os processos de formulação de políticas culturais e articulação institucional, cabia à nova secretaria, promover a diversidade e o intercâmbio cultural.

A transversalidade de atuação da SID no período desenvolvia-se em relação às áreas e segmentos da legislação cultural em vigor, que se referiria às linguagens artísticas – música, artes cênicas, produção audiovisual, literatura, artes plásticas – à preservação do patrimônio cultural, e ao folclore e artesanato. Assim, a promoção da diversidade cultural brasileira na gestão daquele MinC tinha como sentido incorporar as manifestações das identidades ligadas aos movimentos sociais (às novas identidades), como as referentes às situações de classe (como dos trabalhadores do campo e da cidade), de gênero e orientação sexual, identidade étnica (como as questões dos povos indígenas e dos afro-descendentes) e grupos etários, com ênfase no apoio às manifestações da cultura popular. Na revisão do PPA – Plano Brasil de Todos, a SID aprovou a criação do Programa Brasil Plural – Identidade e Diversidade Cultural, com o objetivo de

“garantir que os grupos e redes responsáveis pelas manifestações características da diversidade cultural brasileira tenham acesso aos mecanismos de apoio necessários à valorização de suas atividades culturais, promovendo o intercâmbio cultural entre as regiões e grupos culturais brasileiros, considerando características indenitárias por gênero, orientação sexual, grupos etários, étnicos e das culturas populares.”⁶

A contribuição institucional da SID para o MinC era, inicialmente, identificar segmentos da sociedade brasileira ainda pouco reconhecidos no âmbito das políticas culturais e construir estratégias de aproximação e promoção das expressões culturais destes grupos. O debate em torno da questão da loucura, na concepção formulada por Michel Foucault (1978) e toda a sua produção estética e artística deveria ser incorporada

⁶ Para mais informações sobre Programa 1355 Identidade e Diversidade Cultural – Brasil Plural, acesse: <https://www12.senado.leg.br/orcamento/documentos/ppa/2008-2011/elaboracao/emendas/400-ppa-2008-2011/480-cadastro-de-acoes-versao-preliminar-programas>

aos objetivos do Programa Brasil Plural, bem como nas diversas ações do MinC, de maneira transversal. Assim, foi necessário detalhar estratégias de atuação em conjunto com os Ministérios, movimentos sociais, lideranças, instituições e outros segmentos a fim de construir uma proposta, de uma política comum e integrada, que valorizasse as potencialidades das expressões artísticas e as ações culturais no campo da saúde mental, principalmente aquelas que eram fomentadas a partir das experiências pautadas na reforma psiquiátrica e na luta antimanicomial.

As experiências em arte-cultura de grupos e projetos artístico-culturais da reforma psiquiátrica no Brasil têm tido uma grande importância não só para a criação de novas formas de inclusão e participação social, mas por representarem também uma inovação para repensar as políticas de saúde mental e os conceitos de loucura e diversidade. Na aproximação a esse universo de produções sócio-culturais das últimas décadas, e considerando a forma como essas experiências e projetos foram e são criados e seu impacto no campo da saúde mental, compreende-se que vem se constituindo um novo campo artístico-cultural (em todas as linguagens artísticas e numa multiplicidade de formas expressivas) nos processos ligados ao movimento de reforma psiquiátrica e também ao movimento da luta antimanicomial (TORRE, 2018; AMARANTE & TORRE, 2017; 2018; AMARANTE & COSTA, 2012). Do mesmo modo, as pessoas com sofrimento mental representam um importante segmento social tradicionalmente excluído das políticas públicas. Assim, baseados na “Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais – UNESCO” (UNESCO, 2006), a SID/MinC e a Fiocruz, por meio do projeto “Loucos pela Diversidade”, tiveram como caráter estratégico formular e incentivar a implementação de políticas públicas que estimulassem ações transversais de promoção da diversidade cultural brasileira, no campo da saúde mental.

Loucos pela Diversidade: inovação nas políticas culturais para pessoas em sofrimento mental

O Projeto “Loucos Pela Diversidade”, congruente com o Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura, nasceu de uma visão da cultura como patrimônio coletivo e produção popular, a partir das tradições e movimentos

sociais e comunitários. O entendimento a respeito da noção de cultura correspondia àquele mesmo expresso por Gilberto Gil ao tomar posse como ministro: “muito além do âmbito restrito e restritivo das concepções acadêmicas ou dos ritos e da liturgia de uma suposta ‘classe artística e intelectual’. Cultura, como alguém já disse, não é apenas uma ‘espécie de ignorância que distingue os estudiosos’. Nem somente o que se produz no âmbito das formas canonizadas pelos códigos ocidentais, com as suas hierarquias suspeitas. (GIL, 2010, p. 28). Como dito, foi fruto de cooperação iniciada a partir de 2007, do Ministério da Cultura – MinC com a Fundação Oswaldo Cruz (Ministério da Saúde), realizado por meio de parceria da SID/MinC com o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (LAPS/ENSP/FIOCRUZ).

Um dos objetivos do projeto foi realizar uma oficina nacional de indicação de políticas culturais para pessoas em sofrimento mental, a partir dos próprios atores do campo da saúde mental, isto é, dando lugar de protagonismo para os participantes. Isso contribuiu para dar visibilidade aos diversos projetos culturais e artísticos do campo da saúde mental que estão sendo realizados no Brasil – em todas as áreas culturais e linguagens artísticas – nos quais os “usuários” dos serviços de saúde mental (antes chamados pacientes) são artistas, com participação de grupos culturais e de arte, artistas, profissionais de saúde, familiares de usuários dos serviços de saúde mental, e outras instituições e atores, além da participação de pessoas da comunidade em geral, com diferentes inserções e contribuições, compondo um vasto e rico campo de novas experiências para a reforma psiquiátrica e a desinstitucionalização.

O marco inicial do projeto foi o evento “Loucos pela Diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura – Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Pessoas em Sofrimento Mental e em Situações de Risco Social”, realizada no ano de 2007 (AMARANTE e LIMA, 2008). Entre os desdobramentos da oficina, realiza-se em 2009 a criação do Prêmio Cultural “Loucos pela Diversidade (2009) – Edição Austregésilo Carrano”⁷, que identificou mais de 400 experiências culturais no campo

7 Austregésilo Carrano Bueno escritor brasileiro já falecido, integrante do Movimento da Luta Antimanicomial. Autor do livro *Canto dos Malditos* onde conta sua experiência nos hospitais psiquiátricos e denuncia os absurdos cometidos diariamente nessas instituições

da saúde mental no Brasil, em todos os Estados e por meio de todas as linguagens artísticas, com uma riqueza surpreendente e trabalhos de sujeitos e grupos culturais, ligados ou não aos serviços de saúde mental ou instituições de assistência. Buscou-se, assim, uma nova visão de política cultural, bem como contribuir para a consolidação da Cidadania Cultural dos sujeitos em processos de inclusão social e reconstrução de vida, através das experiências de cultura e arte.

Por meio do reconhecimento de centenas de grupos e artistas em todas as regiões do país, identificados a partir do Projeto Loucos pela Diversidade (MinC-Fiocruz) em 2007 (AMARANTE e LIMA 2008), é possível compreender que a arte, a cultura e as experiências de inclusão pelo trabalho têm sido estratégias predominantes de inclusão social, enfrentamento da vulnerabilidade e construção de direitos de cidadania, no campo da saúde mental. E nesse sentido, tão fundamentais para abordar o problema da loucura quanto a constituição dos serviços substitutivos de saúde mental e equipes multidisciplinares de saúde.

Tal compreensão vai ao encontro da ideia de que a defesa dos Direitos Humanos ocorre, por um lado, na luta contra a violação dos direitos e a violência mas, por outro lado, depende essencialmente da criação de condições sociais para a inclusão da diversidade e a garantia de meios de reprodução social e possibilidades de vida. A partir dessa constatação pode-se dizer que o campo artístico-cultural da reforma psiquiátrica, com seus inúmeros projetos, grupos, artistas e produções, têm grande importância não somente como inovação nas políticas públicas de saúde, mas como componente fundamental para a transformação da relação social com a loucura e a diferença, e também para o fortalecimento das lutas dos movimentos sociais e políticas da diversidade, na inclusão das pessoas em sofrimento mental e vulnerabilidade psicossocial.

Os projetos artístico-culturais da reforma psiquiátrica entram nas políticas públicas culturais, ampliando territórios de circulação, trocas sociais e produção de vida, e com uma visão abrangente de cultura, para além da cultura dita "nobre" ou escolástica, foi possível dar visibilidade à produção sociocultural da Reforma Psiquiátrica. Produção que atualmente já conta com quase mil experiências conhecidas de música, dança, teatro, cinema, rádio e TV, literatura, poesia, intervenção urbana, performance,

pintura, fotografia, artes plásticas, cerâmica, esculturas, artesanato, e outras formas artísticas e criativas com grande conteúdo de crítica e capacidade de intervenção no imaginário social.

Expansão esta que corrobora com o argumento de que se possa falar de uma autonomização do campo artístico-cultural em relação ao campo técnico-assistencial da Reforma Psiquiátrica, isto é, experiências que antes estavam funcionando num enquadre dos serviços de saúde mental, por meio de oficinas terapêuticas e outros projetos de acompanhamento psicossocial, passam a funcionar para além dos serviços de saúde, criando autonomia e desdobramentos que superam o status de intervenção clínica ou terapêutica, para se tornarem projetos de arte e cultura inseridos na vida da cidade (AMARANTE et al., 2012).

Tais projetos e grupos culturais significam não somente uma reinvenção do campo da saúde mental, mas também uma ampliação do campo das artes e da cultura, e nessa dupla transformação a criação de novas possibilidades de vida, de expressão e participação social. Daí a importância de investigar se as experiências de arte-cultura estão permitindo a produção de novas subjetividades e novas formas de relação com o sofrimento mental que rompem com o lugar da doença, e que afirmam o lugar do artista, do ator social, do produtor de arte e cultura como lugares socialmente válidos para ativar diferentes modos de inclusão social, reconhecendo a quantidade e qualidade das produções e processos criativos, que tem possibilitado aos sujeitos terem suas trajetórias de vida transformadas pelas experiências de arte-cultura. O projeto “Loucos pela Diversidade” pode ser considerado um marco histórico nesse debate.

Loucura e Diversidade Cultural: um novo campo de práticas e saberes inovadores

Em suma, toda a mobilização em torno da produção artística e cultural do campo da saúde mental tem como um dos focos principais a questão da *Cidadania Cultural*, isto é, trata do direito dos cidadãos ao acesso aos bens culturais de uma sociedade, como direito fundamental para a verdadeira inclusão social (SOUZA, 2012; YÚDICE, 2004; DORNELES, 2011), o que vem ao encontro das políticas de diversidade cultural que

até pouco tempo atrás haviam se constituído em diretriz em nosso país (UNESCO, 2006; GIL, 2010).

A partir do marco histórico de Gilberto Gil, quando esteve à frente do MinC especialmente no âmbito das ações da antiga SID e da Secretaria de Cidadania Cultural (SCC), ganha espaço uma concepção de cultura que valoriza os sujeitos da diversidade em suas formas de expressão.

As experiências de arte-cultura da reforma psiquiátrica e as políticas culturais para pessoas em sofrimento psíquico têm permitido compor um dos processos de construção de cidadania cultural para os sujeitos da diversidade mais criativos das últimas décadas:

Nos últimos tempos, a produção artística vem, assim, fortalecendo e valorizando a identidade e a diversidade, dentro do paradigma da inclusão, por meio de diferentes linguagens e abordagens, e contribuindo para a desconstrução de preconceitos, para a produção de sentidos, para a ampliação de territórios de circulação, conhecimento e vida. Assim, a produção artística desse segmento que a cultura e a sociedade excluíram da cidadania cultural, vem sendo considerada um instrumento de mudança. (MAMBERTI, 2008, p. 24-25)

É preciso reconhecer o processo criativo como exercício para a construção de novas éticas e estéticas da existência, com reconhecimento das diferenças, da diversidade através da qual pode haver identidade na construção da justiça social e da solidariedade, caminhos para que os direitos humanos sejam efetivos e vividos: “Mudança que vai do sofrimento psíquico ao encorajamento criativo, do confinamento à emancipação, da exclusão ao aplauso (...) e inclui a criação de uma nova cultura de olhar e de cuidar da loucura.” (MAMBERTI, 2008, p. 24-25). O projeto “Loucos pela Diversidade” representou uma inovação na abordagem da diversidade cultural no campo da saúde mental no Brasil, constituindo-se como uma ruptura com a concepção de “doença mental” e incapacidade na definição dos sujeitos em sofrimento mental e vulnerabilidade psicossocial. Também representou uma ruptura com as concepções da arte como “recurso terapêutico” ligado aos serviços de tratamento, nos conduzindo a uma visão dos projetos culturais como construção de novas possibilidades de expressão e ressignificação de vida para os “diferentes” e a um repensar sobre o lugar de normalidade como ideal.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P.; FREITAS, F.; NABUCO, E. & PANDE, M. Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais da saúde mental no território. In: AMARANTE, P. & NOCAM, F. (orgs.). **Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 23-38.

AMARANTE, Paulo & COSTA, Ana Maria. **Diversidade Cultural e Saúde**. Coleção Temas Fundamentais da Reforma Sanitária, n.10. Rio de Janeiro: CEBES, 2012.

AMARANTE, Paulo; LIMA, Ricardo (coord.). **Loucos pela Diversidade: da diversidade da loucura à identidade da cultura**. Relatório final da Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em sofrimento mental e em situações de risco social. Rio de Janeiro: LAPS/FIOCRUZ, 2008.

AMARANTE, PAULO; TORRE, EDUARDO H. G. "De volta à cidade, sr. cidadão!" - Reforma Psiquiátrica e Participação Social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. **RAP - Revista Brasileira de Administração Pública (FGV)**, v. 52, p. 1090-1107, 2018.

AMARANTE, PAULO; TORRE, EDUARDO H. G. Loucura e Diversidade Cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. **INTERFACE** (Botucatu. Impresso). v. 21, p. 763-774, 2017.

DORNELES, Patrícia. **Identidades inventivas: territorialidades na Rede Cultura Viva na Região Sul**. Porto Alegre: UFRGS/POSGea, 2011. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS.

FOUCAULT, Michel, 1978. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva.

GIL, G. Cultura: a argamassa de um novo projeto nacional. In: **Almanaque Cultura Viva**. Brasília: Ministério da Cultura, 2010, p. 28-31.

MAMBERTI, Sergio. Mesa de Abertura. In: Amarante, P & Lima, R. (coord.) **Loucos pela Diversidade**: da diversidade da loucura à identidade da cultura. Relatório final da Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas em sofrimento mental e em situações de risco social. Rio de Janeiro: LAPS/FIOCRUZ, 2008, p. 24-25.

SOUZA, Allan Rocha de. **Direitos Culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

TORRE, Eduardo H. G. **Saúde Mental, Loucura e Diversidade Cultural**: inovação e ruptura nas experiências de arte-cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da Saúde Mental no Brasil. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, 2018.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais**. Paris: UNESCO, 2006.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.